

ORDEM DE APRESENTAÇÃO ELIMINATÓRIA GRAMADO

1. SONHOS FEITOS DE BARRO

Ritmo: Milonga

Cidade: Canela/RS e Uruguaina/RS

Letra: Cristiano Behling

Melodia: Vane Vieira

Violão e vocal: Vani Vieira

Violão solo e vocal: Rodrigo Rodrigues

Contrabaixo e vocal: Henrique Bagesteiro

Acordeon: Kaue Rodrigues

Cajón e vocal: João Quintana

Interpretação: Luiz Fernando Baldez e Grupo Parceria

SONHOS FEITOS DE BARRO

Um sonho feito de barro

Junto à barranca do rio

A arte em feitio de cancha

Pra erguer os "rancherio"

Ofício da antiguidade

Pelo tempo sucumbiu

A tradição dos oleiros

Linda e nobre profissão

Foi sustento da família

Grãozinho de construção

Trazia "boia" pras casa

De geração em geração

O giro do malacate

A casco barro sovado

Labuta esculpida em forma

Foi construindo legados

A "fumacita" dos fornos
Fazem parte do passado

Hoje só restam lembranças
E a dura realidade
O João vivendo em biscate
A margem da sociedade
Carente de profissão
Moldando apenas saudade

Assim como tantos outros
Perdidos no mundo inteiro
Carentes de esperança
Buscam dias verdadeiros
De sonhos feitos de barro
Como viveram os oleiros.

2. PRA D'ONDE FOI A EGUADA

Ritmo: Chamamé
Cidade: Vacaria/RS e Lages/SC
Letra: Rafael Ferreira
Melodia: Gabriel Maculan

Violão solo: Higor Estremera
Violão solo: Luciano Fagundes
Contrabaixo: Carlos de César
Cordeona: Gabriel Maculan
Intérprete e violão: Patrick Antunes

PRA D'ONDE FOI A EGUADA

A mirada encharcada de
horizontes,
Numa invernada onde o verde se
perdeu...
Gritos de: - égua! Volta, volta,
venha, venha...
E numa ilhota não se enxerga além
do breu

Duas tordilhas, a gateada e uma
moura,
Pouco, mas tanto, pra um
campeiro sonhador,
Que na barriga duma égua de
respeito
Cresce o futuro de'a cavalo, sim
senhor.

-Pra d'onde foi esta eguada, "Virge
Santa"-
Ando clamando, suplicando esta
procura,
Que até meu rancho desabou com
a tormenta,
Mas por matéria tendo braço a
gente cura.

Mas pelo bicho, o coração já se
atora,
É dura a pena de olhar fazendo
nada,
Se foi bufando, peito n'água, e eu
de longe
Vi que a corrente foi levando minha
eguada.

Ando campeando, junto com o
baixar das águas,
Mas nem notícia, nem rastro ou
fiapo de crina,
Se até no zinco teve um tostado de
pé,
Em nenhum outro eu vi mi'as
éguas por cima.

De pouco em pouco, empurrando o
barro feio,
Vou reerguendo minha força e
valentia,
Imaginando num varzedo em flor
de trevo,
Que andam pastando minhas
quatro éguas de cria.

3. A CRUZ NA CURVA DA ESTRADA

Ritmo: Rasguido Doble
Cidade: Pelotas/RS e Uruguaina/RS
Letra: Silvio Genro
Melodia: Roberto Borges

Violão: Yuri Menezes
Violão: Luciano Fagundes
Baixo: Pedro terra
Violino: Pedro Kaltbach
Bandoneon: João Paulo Deckert
Intérprete: Roberto Borges

A Cruz Na Curva Da Estrada

Somente ele e o cavalo sabiam bem a razão
E o porquê dessas partidas sem um aperto de mão,
Só ele e o seu cavalo e um pala a dar-lhes asas...
Qual um Pégaso pampeano com cascos e olhos em brasa!

Somente ele e o cavalo sabiam bem o caminho
Dos rumos que os valentes preferem trilhar sozinhos,
Só ele e o seu cavalo, e os rastros que a noite apaga...
A cruz de estrelas no céu e o luar na cruz da adaga!

Será que foi tira-teima,
Ou quem sabe um desagravo?
Talvez peleia de ideias
Ou então duelo de bravos?

Restou a lenda no pago
Em histórias mal contadas,
E os vaga-lumes velando
Uma cruz na curva da estrada!

Somente ele e o cavalo sabiam bem os motivos
Que leva o homem de bem a tornar-se um fugitivo,
Só ele e o seu cavalo, num pacto de silêncio...
Um certo acerto de contas e o luto na cor dos lenços!

Somente ele e o cavalo sabiam o fim da história
Que condena ao ostracismo a luta de heróis sem glória,
Só ele e o seu cavalo, numa odisseia terrunha...
A cruz na curva da estrada e a pampa por testemunha!

4. RENDENDO GRAÇAS

Ritmo: Chamamé
Cidade: Bento Gonçalves/RS e Santiago/RS
Letra: Nenito Sarturi
Melodia: Cássio Sarturi e Dionathan Farias

Violão solo e vocal: Halber Lopes
Acordeon e vocal: Jaerson Martins
Contrabaixo e vocal: Xuxu Nunes
Violão base e vocal: Dionathan Farias
Intérprete: Nenito Sarturi e Cássio Sarturi

RENDENDO GRAÇAS

Às vezes saco o “sombbrero”
Junto à sombra do galpão,
Me livrando dos apertos
Dou asas à gratidão...
Apesar da correria,
Dos atropelos da vida,
É importante darmos graças
Pelas jornadas vencidas.

Dou graças pelos amigos, Pelos filhos, pelos netos,
Por meu pai e minha mãe, Que me cobriram de afetos...
Pelo amor da companheira, Por seu carinho e leveza,
Por ter um teto e trabalho E ter o pão sobre a mesa!

MESMO SE A SORTE JUDIA E A CAUSA ESTEJA PERDIDA, ERGA OS BRAÇOS TODO O DIA E AGRADEÇA PELA VIDA!

Neste mundo de disputas, De discórdia e desamor,
De batalhas e labutas,
De penas, mágoas e dor,
Um homem só tem grandeza Quando retira o chapéu,
Dobra os joelhos, reverente, E rende graças ao céu!

E por isso que, consciente, Na hora de repousar,
Eu fecho os olhos, silente, Mesmo sem saber rezar...
Fujo aos grilhões da vaidade
- Mente aberta, pés no chão
- E, no lombo da humildade,
Dou asas pra gratidão!

5. AÇUDEIRO.

Ritmo: Milonga

Cidade: Caçapava do Sul/RS e São Gabriel/RS

Letra: Lau Melgarejo

Melodia: Matheus Leal

Violão Solo: Gabriel Biscaglia

Gitarrón e vocal: Higor Estremera

Gaita e vocal: Tiago Camargo

Baixo: Rodrigo Maia

Intérprete: Matheus Leal

AÇUDEIRO

De rijeira no pescoço,
Sigo firme ante aos bois;
Não é de hoje que os dois
Dividem canga e esforço.
Tranqueiam, que é um colosso,
Alunos do meu ensino,
Parelha de boi salino,
Cortando leivas do pasto
Com a mariposa de arrasto,
Ajoujados ao destino.

Sei a dança entre teus braços,
Sem abraços, mariposa;
Facilita, enfeia a “cosa”
E se complica o que faço.
Já não basta esse mormaço —
Deus defenda a situação —
De tu se enterrar no chão
Querendo trocar de ponta,
E eu não puder dar conta,
Perdendo pra ti de mão.

Abri no campo esperança,
Por bonança e água boa.
Mariposa que não voa,

Sustento da “mias’criança”.
Junta de boi que se cansa
Quando já cansei primeiro;
Guia puxando ao carreiro,
Com jugo que não se solta,
Vai na taipa e vem de volta,
Faina antiga, de açudeiro.

Meu preço sou eu quem faço
Por criador e chacreiro;
Abro açude pra estancieiro,
Pensando no meu pedaço.
Pra o esforço dos meus “braço”,
A conta sempre é parelha:
É vaca, porco ou ovelha,
Conforme seja fundura.
Nãoensem que é rapadura
A tabatinga vermelha.

6. BUGIO DESTA TERRA

Ritmo: Bugio

Cidade: São Francisco de Paula/RS

Letra e melodia: Eduardo Gomes

Violão e vocal: Evandro Cardoso

Baixo e vocal: Ivan Silvestre

Acordeon e vocal: Edson Borba

Bateria: Dênis Ricardo Pereira

Intérprete: Eduardo Gomes

BUGIO DESTA TERRA

Nas mãos de grandes gaiteros

Se tornou Sinuelo dos bailes do Sul

Na gaita dos irmãos Bertussi, com Doralícia neste céu azul

Albino Manique gaitero, levou para o Mundo o bairro do Rincão

Gonzaga de gaita nas costas, pra mais um Bugio, lá no pavilhão

Gonzaga de gaita nas costas, pra mais um Bugio, lá no pavilhão

Ronca Bugio, ronca, ronca Bugio desta terra.

Tu é cria sul, tu é filho do frio nos campos de cima da serra.

Ronca Bugio, ronca, ronca Bugio desta terra.

Tu é cria sul, tu é filho do frio dos campos de cima da serra.

Da Neusa Regina gaiteira o espelho das águas com cheiro de mel.

Que toque um Bugio Tirano o Ângelo Marques, também o Leonel.

São tantos gaiteros serranos, batendo na marca eu atiro o chapéu.

Também o saudoso Jardel num fandango macho no rancho do céu.

Também o saudoso Jardel num fandango macho no rancho do céu.

Ronca Bugio, ronca, ronca Bugio desta terra.

Tu é cria sul, tu é filho do frio dos campos de cima da serra. 2x

Ronca Bugio, ronca, ronca Bugio desta terra.

Tu é cria sul, tu é filho do frio nos campos de cima da serra. 2x

7. O DOLENTE, O TERRUNHO

Ritmo: Milonga

Cidade: Caxias do Sul/RS e Sant'ana do Livramento/RS

Letra: Evair Suarez Gomez

Melodia: Quinto Oliveira

Violão e vocal: Quinto Oliveira

Violão e vocal: Gustavo Padilha

Baixo: Higor Estremera

Cordeona: Tiago Camargo

Percussão: Duda Costa

Intérprete: Fabiano Bacchieri

O dolente, o terrunho.

Se finda o canto terrunho
Vai se sumindo na estrada
Dizem, que é coza passada
Que hay que cantar, o de agora...!
Já deu de ruído de espora,
Já deu de doma e tropeada
Que é p'a usar outras palavras
Mais lindas, mais rebuscadas.

Pobre João que foi tropeiro
Pobre pedro, alambrador
Com carpa, pá e socador
Estendeu metros de linha
E a Anastácia da cozinha
Que areou muita panela
Não é pra cantar pra ela
Já tá velha, coitadinha...

Se finda o canto terrunho
A milonga bem ponteadada
O violão e a pajada
Já não é tempo pra isso
Que não cantem o curisco
Ou a sanga campo fora
Que o certo é cantar o de agora
Que vai ter muito mais nicho

Mas, seguem às nuvens correndo
No céu, inda hay estrelas
E a lua com sua beleza...?
Também tem eitos de anos
E o grande pai soberano
Que criou tudo que habita
É anRgo, mas na sua lista
Dizia- pra eternidade, o paysano !!
Por isso que canto a tropa
A doma, o mascate a esquila
O dia quando termina,
Vai dando espaço pra noite
As coisas que são de ontem
Não quer dizer que morreram
E tampouco se perderam
So foram rumo horizonte

Deixa pra mim no mas
O dolente, o terrunho
O que escrevo com o punho
Jamais apago com o "codo"
Não deixo o anRgo pelo novo
Pra mim tudo tem espaço
E vou armando meu laço
Pra Pialar um verso crioulo.

8. SETE POVOS, UM DESTINO

Ritmo: Chamamé

Cidade: Cambará do Sul/RS

Letra e música: Marco Augusto Nardes

Bandoneon e vocal: João Paulo Deckert

Violão e vocal: Riva Rodrigues

Violão solo: Marcelinho Carvalho

Baixo e vocal: Nando Soares

Intérprete: Igor Tadielo

SETE POVOS, UM DESTINO

O bater dos sinos, traduz o lamento, **E** viaja
no vento, indo além da fé;
E o grito da história ultrapassando o tempo Me fez um
guerreiro: fiel a Sepé!

Há quatro centurias, o Império Espanhol, Ergueu neste
pago, sete reduções, Junto à Companhia de Jesus
pregando, Que a Bíblia romana era a salvação.

Luso-espanhóis, em nome do poder, Olvidam
princípios que diziam certos; E os homens nativos
ansiando viver, Foram à batalha, com o peito
aberto.

***Eu sou mais um índio, ainda na refrega, Na luta da
terra - igualdade social - E, como Sepé, só vou cessar
no dia Que me tornar lenda, em busca do ideal.***

Assina-se um trato na Espanha, em Madrid, Que define o
rumo de então, uns trinta mil... Sem medir os custos de
tantas vidas, Dizima-se um povo no sul do Brasil.

Triste realidade, ganância mortal... Interesses reles
do imperialismo! Homens e mulheres - moedas de
troca Dos reis e venais, filhos do hilotismo.

O sino e a pele têm o mesmo bronze,
E o timbre do canto continua igual;
E as pedras vermelhas rubras como o sangue,
Narram das Missões, uma história imortal.

9. MINHA INSPIRAÇÃO DE POETA

Ritmo: Milonga

Cidade: Júlio de Castilhos/RS e Panambi/RS

Letra: Juliano Santos

Melodia: João Paulo Deckert

Violão solo: Marcelinho Carvalho

Guitarrón e vocal: Beto Borges

Contrabaixo e vocal: Nando Soares

Piano: Diogo Barcelos

Bandoneon: João Paulo Deckert

Intérprete: João Paulo Deckert

Minha Inspiração de Poeta

Minha inspiração de poeta
Por vezes fala de ti.
E do beijo do Sarandi
Nas claras águas da sanga.
Fala da doce pitanga
Beijando a boca dos meus,
Fala de um triste adeus
Picaneando os bois de canga.

Minha inspiração de poeta
Nasce pelos galpões.
Nas fumaças e fogões
E de um abraço apertado.
Vem do berro do gado
Mugindo pra noite escura,
E da vela de quem procura
Luz pra os seus pecados.

Minha inspiração de poeta
De relatar o que vivo,
Fala do campo nativo
Grama forquilha - trevais.
Fala de potros baguais
Enfrenados com paciência,
Do mate que é a essência
Herança dos ancestrais.

Talvez eu nem seja Poeta
E sim um apaixonado
Que traz no verso riscado
Sua válvula de escape
E finde assim, no arremate
Com a rima da saudade
Cantar dores, amores, verdades
Que assolam nosso tempo
E no verso buscar alento
Que aconchegue a realidade

Minha inspiração de poeta
Transcende minha existência.
Fala de outras querências
Das quais eu nem vivi.
Fala de lá, e de aqui...
De outro plano fecundo
Relata as dores do mundo
Do pobre chão de um guri.

Minha inspiração de poeta
Da fome rondando o rancho.
Fala de algum carancho
Que a fraqueza surrupia.
Mas também traz alegria
De não frouxar o garrão.
Pois nasce neste Rincão
A esperança todos os dias.

10. A CONTAR E RECONTAR

Ritmo: Canção
Cidade: Caxias do Sul/RS
Letra e melodia: Fábio Soares

Guitarrón: Quinto Oliveira
Acordeon: Uiliam Michelin
Violino: Pedro Kaltbach
Contrabaixo: Rodrigo Ziliotto
Intérprete: Fábio Soares

A CONTAR E RECONTAR

ME ENCANTAVA ESSE TEU
JEITO
DE CONTAR CONSTELAÇÕES
ME FALAR DE CADA UMA
COMO FOSSEM EMOÇÕES

CADA ESTRELA TINHA UM
NOME UM SENTIDO DE
EXISTIR
TU CONTAVAS COM
ESMERO
SEM CANSAR DE REPETIR

TODA NOITE, ANTE AO
SONO
TU FICAVAS NA JANELA
A CONTAR E RECONTAR
CADA LUME SENTINELA

EM DIA DE NOITE ESCURA
SE NOTAVA TEU SOFRER
POR NÃO VERES TEUS
LUZEIROS
ADORNANDO TEU VIVER

**CADA NOITE SEM ESTRELAS
ERA TRISTE TEU OLHAR
NADA HAVIA QUE PUDESSE
TUA ANGÚSTIA ACALENTAR**

**ME RESTAVA SER ABRIGO
NUM TENTAR AMENIZAR
CADA NOITE SEM ESTRELAS
ERA TRISTE TEU OLHAR**

COM O TEMPO - NUM COMPASSO –
O BELO PERDEU SENTIDO
ERA DOR NÃO TER
ESTRELAS UM SOFRER
DESPERCEBIDO

ERAM GANAS REDOMONAS QUE
RONDAVAM NOS TEUS DIAS
NOITE ESCURA ERA TRISTEZA
NOITE CLARA ALEGRIA

11. A PONTE QUE A ENCHENTE NÃO LEVOU

Ritmo: Milonga Praieira

Cidade: Pelotas/RS e Osório/RS

Letra: Ivo Ladislau

Música: Kako Xavier

Tambor praieiro e vocal: Estela Polidori

Tambor praieiro e vocal: Vânia Lima

Tambor de sopapo e vocal: Rafael Orixum

Bateria e vocal: Gabriel Soares

Baixo: Alinson Alaniz

Acordeon: Nicolas Iakes

Voz e violão: Kako Xavier

A ponte que a enchente não levou

Meu tambor já voltou a bater
É hora da virada, parei de
sofrer
Na força de quem ficou
Sou a ponte que a enchente não levou

Na batucada das obras
A esperança quer florescer
É o Rio Grande que se levanta
Para um futuro de novo viver

Caminhada nova pra sorrir
Nos campos e ruas refiz meu jardim
Mão com mão pra reconstruir
Um povo unido que canta assim

**Vai tambor, conduzindo a nossa nação
Depois da virada. renasce esse chão**

Meu tambor renasce no teu coração
Depois da virada, só quero viver
E ninguém solta a mão de ninguém
Sou a ponte entre a força e o
agradecer

Deixa a tristeza pra lá
Que a vida quer sorrir
Depois das águas, do medo,
A esperança, que o nosso chão vai florir

Caminhada nova pra sorrir
Nos campos e ruas refiz meu jardim
Mão com mão pra reconstruir
Um povo unido que canta assim

Meu tambor é a trilha sonora
nossa força pra reconstrução
a virada começa agora
fortalece na palma da mão.

12. JOÃOS, GOMERCINDOS, JOSÉS DO ARAMADO

Ritmo: Milonga

Cidade: Canela/RS, Itaqui/RS e Uruguaina/RS

Letra: Valtair Behling e Cristiano Behling

Melodia: Vane Vieira

Interpretação: João Quintana e Grupo Parceria

Violão e vocal: Vane Vieira

Violão solo e vocal: Rodrigo Rodrigues

Contrabaixo e vocal: Henrique Bagesteiro

Acordeon: Kaue Rodrigues

Cajón e vocal: Fernando Baldez

JOÃOS, GOMERCINDOS, JOSÉS DO ARAMADO

Aqueles campeiros de chave e talado
Que vivem no povo lembrando aramados
Carregam com eles o dom deste ofício
Às vezes perdidos largados ao vício

Com mãos calejadas e vidas rurais
Changueando no povo serviços banais
Até virou lenda nas vendas, "bolichos"
Por causos, histórias, de lidas, "cambichos"

São Joãos, Gomercindos, Josés do aramado
Que andam no pago vagando extraviados
Com almas pampeanas, orgulhos feridos
Artistas genuínos de sonhos perdidos

Então Sesmarias, fazendas, estâncias
Tem suas digitais repartindo distâncias
As marcas deixadas, padrão de excelência
Deixaram legados por toda querência

Bombachas puídas, raiz no passado
Com luz interior e brilho velado
São Joãos, Gomercindos, josés de respeito
Com brasas ardentes e orgulho no peito.